

A literatura vista da margem: os heróis pós-estruturalistas

MONIQUE CUNHA DE ARAUJO*

Resumo

O presente artigo tem como objetivo evidenciar os pontos de encontros das teorias literárias consideradas pós-estruturalistas surgidas na década de 1960. A principal intenção deste trabalho é mostrar como estas teorias incentivam a pesquisa social encontrada na literatura, ampliando a visão sob esta disciplina e sua função na sociedade. Os alicerces teóricos do estruturalismo, a filosofia moderna de Saussure e o formalismo de Jakobson já não sustentavam a nova ordem surgida em finais dos anos 1950. Assim, nos anos 60, o avanço dos estudos chamados pós-estruturalistas, baseados nas ideias de Foucault, Kristeva e Derrida, trazem importantes progressos para os estudos culturais, como a descoberta de outras vozes (na literatura e nas artes), que antes estavam à margem, esmagadas pela ideia do cânone.

Palavras-chave: pós-estruturalismo; desconstrução; estudos culturais; literatura.

Abstract

This article aims to highlight the meeting points of literary theories considered poststructuralist emerged in the 1960s. The main intention of this work is to show how these theories encourage social research in the literature, broaden the view in this course and its function in society. The theoretical foundations of structuralism, modern philosophy of Saussure and Jakobson formalism no longer supported the new order emerged in late 1950. Thus, in the 60s, the advancement of studies called post-structuralist, based on Foucault's, Kristeva's and Derrida's ideas bring important progress to cultural studies, such as the discovery of other voices (in literature as well as in the other arts), that had until then been left on the sidelines, obfuscated by the idea of the canon.

Key words: post-structuralism; deconstruction; cultural studies; literature.

* **MONIQUE CUNHA DE ARAUJO** é mestranda e bolsista CNPq do Departamento de Línguas e Literaturas em língua alemã da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Considerações iniciais

Não é de hoje que a literatura serve de base para estudos sócio-históricos. Nele, os pesquisadores podem constatar, por exemplo, costumes de uma determinada época. Estes estudos históricos, naturalmente, devem se fundamentar não somente em uma determinada fonte de pesquisa, mas antes de variadas, para estabelecer múltiplas perspectivas e não favorecer uma única via. Este seria o modo acertado de fazer história (WHITE,) De certa maneira, porém, notou-se nos estudos literários, certa univocidade, no qual tendenciou a uma única perspectiva.

O chamado cânone literário brasileiro, por exemplo, fora por muitos anos povoado por somente escritores escolhidos por críticos literários de alta sociedade e pela igreja. Por meio dos estudos pós-estruturalistas, apoiados em Derrida e Foucault, nota-se hoje na literatura contemporânea uma crescente lista de autores que antes foram esquecidos pela sociedade leitora ou não obtiveram êxito no passado por falta de incentivos editoriais. No séc. XIX e XX, em face de sociedade machista, uma grande numero de mulheres escritoras foram marginalizadas. Graças aos estudos culturais (e de gênero) escritoras como Júlia Lopes de Almeida, Lúcia Miguel Pereira e Alina Paim fazem parte hoje, inclusive, de compêndios escolares.

Nesse sentido, a investigação de como os estudos pós-estruturalistas reuniu como material teórico para suas teses e assim, trazer uma nova (ou novas) perspectiva para os estudos literários, principalmente no que tange aos setores marginalizados por excelência histórica, como a escrita negra, a feminina e os de

classes menos abastadas da sociedade¹. Naturalmente, este artigo não tem a pretensão de percorrer todos esses setores, mas antes, porém, analisa os estudos pós-estruturalistas como mentor dessas movimentações no cenário canônico literário. A pesquisa não abrange, alias, ramificações de cada linha teórica, mas analisa o viés social de cada uma delas, não se centralizando em apenas uma. A análise não abrange toda a literatura de cada área, porém focaliza cada viés no social.

Em um breve resgate teórico-histórico literário, nota-se ainda como os estudos formalistas e estruturais contribuíram para uma literatura de centro, marginalizando as narrativas de autores que não atendiam às normas impostas pelos críticos para uma “boa literatura”. Por este motivo, inicialmente, tenta-se aqui fazer uma breve análise da corrente estruturalista, para que possamos entender a nomenclatura posterior a ela: as correntes pós-estruturalistas.

A ideia estrutural – breve análise

No início do séc. XX, na França, os alunos de Ferdinand Sausurre publicam o seu famoso *Cours de linguistique* a partir de anotações de suas aulas, no qual concebe a linguagem como um sistema fechado de significação. Neste sistema, os elementos têm relação. Ele definia a ‘palavra’ como um ‘signo’, formado por conceito e som – significado e o significante.” (PETERS, 2000) Para ele, esses dois elementos são indissociáveis. O linguista apóia-se no

¹ Exemplo da escritora Carolina Maria de Jesus, catadora de papel dos idos anos 1960, no qual seu livro *Quarto de Despejo* (1960) tornou-se um *best-seller* e foi traduzido para mais de 13 idiomas. Carolina hoje pertence ao cânone.

processo de significação que baseia na prerrogativa da diferenciação.

Quando Saussure utilizou, pela primeira vez, a palavra “estrutura” no congresso internacional de linguistas em 1928, ele introduziu também distinções conceituais, que o estruturalismo, mais tarde, apropriou-se (KIMMICH, RENNER, STIEGLER, 2011). Saussure entende linguagem não como uma substância, mas como forma, como um sistema de signos, que são organizados por regras internas. A análise estruturalista procura explicar, portanto, os sistemas de signos linguísticos em seu contexto funcional, ou seja, a sua estrutura.

O signo linguístico existe, segundo Saussure, a partir de uma ligação da imagem acústica, o significante, e a ideia, conceito – ao significado. Esta relação entre significante e significado é arbitrária e somente é regulamentada pela convenção social e, portanto, não é nem natural por si, nem depende de um único falante (KIMMICH, RENNER, STIEGLER, 2011). Um único signo não se referencia a um objeto externo, mas a uma relativa posição no sistema linguístico.

Desta forma, para Saussure, a língua forma um sistema fechado, no qual um único signo só ganha um significado porque se diferencia de outros signos. Em outras palavras, a palavra “árvore” só é “arvore”, pois não é nem “flor”, nem “fruto”. Nesse sentido, a *langue* de Saussure é uma estrutura delimitada de significação. Podemos dizer com isso que, o objeto de estudo da análise estruturalista são as relações formais de um único elemento dentro de um sistema fechado que é descrito sob um determinado ponto de vista. Estas relações formais são caracterizadas por um processo de diferenciação, no qual, como citado, “árvore” só é “árvore”,

pois não é outro elemento, isto é, o significado na linguagem é apenas uma questão de diferença. Porém, como ressalva Eagleton, essa diferenciação pode ser interminável. “Árvore” só é “árvore” não só porque se distingue de “fruto” ou “flor”, mas também porque se distingue de “cachorro”, “gato”, “casa”, e assim por diante. Dessa maneira, “se todo signo é o que é por não ser todos os outros signos, todo signo seria constituído de um emaranhado potencialmente infinito de diferenças” (EAGLETON, 2006). Dessa forma, correntes pós-estruturalistas colocaram em cheque a interpretação de Saussure de que a interpretação faz do signo uma unidade simétrica precisa entre significante e um significado.

Dito isso, junto ao sistema de signos de Saussure e o formalismo de Jakobson, o estruturalismo nasce e ganha corpo, principalmente na França, onde ocorre a explosão estruturalista principalmente após a publicação de *Anthropologie structurale* de Claude Lévi-Strauss. Roland Barthes, depois da publicação do livro *Mitologias* em 1957, torna-se diretor de estudos da École des Hautes Études, em 1962. Dois anos antes o jornal literário *Tel Quel* é fundado por Philippe Sollers; Michel Foucault publica *História da Loucura na Era da Razão*, em 1961, Louis Althusser faz um convite à Jacques Lacan no seu seminário na *École Normale*, assim inicia uma colaboração bastante produtiva entre marxismo a psicanálise (PETERS, 2000).

A análise do discurso: como é e como se faz

A partir da interpretação saussuriana de que o signo é sempre uma questão de convenção histórica e cultural, a linguagem torna-se o centro da

discussão, o que não é diferente em Barthes. Para esse,

o signo saudável é aquele que chama a atenção para a sua própria arbitrariedade – aquele que não tenta fazer-se passar por “natural”, mas que, no momento mesmo de transmitir um significado, comunica também alguma coisa de sua própria condição relativa e artificial. Em sua obra inicial, o impulso que está por trás dessa convicção é político: o signo que se pretende natural, que se oferece com única maneira concebível de ver o mundo, é por isso mesmo autoritário e ideológico (EAGLETON, 2006, p.203).

A tentativa de “naturalização” da linguagem como realidade social é uma das funções da ideologia, pois ela (a linguagem) pode “parecer tão inocente e imutável quanto à própria natureza” (EAGLETON, 2006, p.203). Assim, a obra *S/Z* de Barthes marca a “virada pós-estruturalista”, pois nele Barthes não abandona a idéia total de estrutura, porém amplia/expande o sentido/significado do texto, o qual pode não estar no que parece estar, pode não estar na oposição. A obra *S/Z* é uma análise do conto “*Sarrasine*” de Balzac, na qual Barthes já não trata a obra com um objeto estático, mas crê que o leitor ou crítico participam de alguma forma na construção dos significados, eles podem modulá-lo e transpô-los para discursos diferentes. Em outras palavras, “o leitor e o crítico passam do papel de consumidor para o de produtor” (EAGLETON, 2006, p. 207).

Nessa virada pós-estruturalista (ou neo-estruturalista, como propõe Manfred Frank em 1988), Michel Foucault teve um papel importante. No início da década de 70 fundamenta uma nova maneira de ver a da ciência da literatura: a partir da análise do discurso histórico,

no qual a estrutura não seria mais o foco, mas sim, o mundo contextual. Com a publicação de *A ordem do discurso*, Foucault torna-se importante autor desta geração. Para ele, qualquer coisa que é dita constitui um acontecimento discursivo, qualquer coisa, segundo ele, que solta um “murmúrio anônimo” é uma prática discursiva. Ele relaciona assim a linguagem não à linguística, mas a um acontecimento social, assim como explicita Cordeiro:

O discurso como prática é essa instância da linguagem em que a língua está relacionada com ‘outra coisa’, a qual não é linguística. Onde, a relação da língua com ‘outra coisa’ que não é de natureza linguística, relação que se dá no uso da linguagem, essa relação é o discurso. O discurso é uma prática que relaciona a língua com “outra coisa”, é aquilo a que Foucault chama “prática discursiva” (CORDEIRO, 1998).

De acordo com Foucault, a palavra é dita “no interior de complexos mecanismos de restrição”, pois ele supõe que

em toda a sociedade a produção do discurso é simultaneamente controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de processos que têm por papel exorcizar-lhe os poderes e os perigos, refrear-lhe o acontecimento aleatório, esquivar-lhe a pesada, temível materialidade. (FOUCAULT, 2009, p.11)

Esta corrente teórica assume, portanto, caráter essencialmente histórico. Na verdade, o objetivo da análise do discurso, como propôs Foucault, é analisar as construções ideológicas presentes em um texto, pois todo discurso é uma construção social, não individual. Dessa forma, o texto só pode

ser analisado se considerarmos o contexto histórico-social.

Apesar de Foucault ser um importante ícone da Análise do Discurso, foi Michel Pêcheux que cunhou em 1969 o novo objeto de estudo chamado “discurso”. Pêcheux propôs em *Analyse Automatique Du Discours* o confronto das ciências, particularmente a história, a psicanálise e a linguística, nesse entre meio de disciplinas pode-se propor a reflexão discursiva (ORLANDI, 2007).

Assim, portanto, a análise do discurso de Foucault e Pêcheux inicia uma espécie de virada linguística, juntamente com Jacques Derrida e sua desconstrução, no qual um descentramento (não mais a estrutura, mas todo o texto, cada parte é importante) desloca o cânone e promove um novo paradigma sob o qual a literatura e a arte podem ser vistas.

Desconstruindo: o centro inexistente

Nos anos 60, mais precisamente em 1967, a célebre conferência “*La structure, le signe et le jeu dans le discours des sciences humaines*” de Jacques Derrida, filósofo francês, propõe um método ou processo de análise crítico-filosófica que tem como objetivo a crítica da metafísica ocidental e da tendência ao logocentrismo, incluindo assim a crítica de certos conceitos (o significado e o significante; o sensível e o inteligível; a presença do ser; a presença do centro; o logos). Estes conceitos haviam sido propostos como estáveis pelo estruturalismo. Derrida classifica de ‘metafísico’

qualquer sistema de pensamento que dependa de uma base inatacável, de um princípio primeiro de fundamentos inquestionáveis, sobre o qual se

pode construir toda a hierarquia de significações. (EAGLETON, 2006, p. 198).

Isso não significa, porém, segundo Eagleton, que ele não acredite que não necessitamos desse ‘princípio primeiro’, “pois desse impulso está impregnada toda a nossa história e ele não pode ser erradicado ou desconhecido” (EAGLETON, 2006, p.199)

No entanto, para Derrida, estes ‘primeiros princípios’ podem ser ‘desconstruídos’: “eles são antes produtos de um determinado sistema de significações, do que algo que os sustenta de fora para dentro (EAGLETON, 2006, p.199). Como já supracitado, quando conceituamos a noção da negação no estruturalismo, ou seja, nesses tais primeiros princípios, que no estruturalismo são comumente definidos pelo que excluem (“árvore” só é “árvore”, porque *não* é “fruto”, nem “flor”) são as famosas partes das “oposições binárias, que os estruturalistas utilizam largamente. Nesse sentido, podemos levar este conceito estrutural para o campo social: se quisermos definir “homem” de acordo com a tradição estruturalista, podemos dizer que ele, “homem”, só pode ser definido como “homem” porque ele não é “mulher”. Nesta esteira, segundo Eagleton, “para a sociedade dominada por homens, a mulher é o oposto excluído desse sistema; e enquanto tal distinção for rigidamente mantida, todo o sistema pode funcionar com eficiência” (EAGLETON, 2006, p.199)

A operação crítica da desconstrução enfraquece (parcialmente), então, estas oposições no próprio processo de significação. “A mulher oposto, o ‘outro’ do homem: ela é o não homem, o homem a que falta algo, a quem um valor, sobretudo, negativo em relação

ao princípio primeiro masculino” (EAGLETON, 2006, p.19). Esta forte crítica feita por Derrida ao estruturalismo se estende a todo um processo político histórico. O próprio Barthes admite uma ideologia literária que corresponde a certa “atitude natural” e o seu nome é “realismo”. A literatura realista disfarça ou forja a natureza socialmente relativa ou construída da linguagem: “ela contribui para confirmar o preconceito de que existe uma forma de linguagem ‘ordinária’ que por vezes é natural. O problema é, para Barthes, que essa linguagem” natural” traz o rótulo que a realidade é assim, ou seja, que o que está ali escrito é como é na realidade, o que deturpa a própria realidade e instaura um “padrão” de realidade. Esse signo como “representação”, “reflexo” nega o caráter produtivo (Foucault) da linguagem (EAGLETON, 2006, PETERS; 2000).

Para isso, Derrida indica o neo-grafismo *différance* (a no lugar de e), que segundo ele, “não é nem conceito, nem palavra”, funciona como “foco de cruzamento histórico e sistemático”. É preciso esclarecer que, para Derrida, a interpretação consiste em “tecer um tecido com os fios extraídos de outros tecidos-textos” (SANTIAGO, 1976). Neste sistema, esta pequena intervenção gráfica representa em Derrida um questionamento de toda uma tradição fonocêntrica, ou seja, “prioridade de voz e de fala, (...) onde a fala se confunde com o ser como presença”; “a presença de um elemento é sempre uma referencia significante e substitutiva inscrita num sistema de diferenças e o movimento em cadeia” (SANTIAGO, p.71). Esta diferença gráfica escapa à ordem do sensível, quando fixa apenas a relação invisível dos termos, relação “inaparente”, assim como não oferece como *presença*, não é objetivo, remete

para uma ordem que não se deixa entender na oposição fundadora da metafísica entre o *sensível* e o *inteligível* (SANTIAGO, p.71).

Outras considerações

Como parte da imensa contribuição (ou avanço) para literatura e para as artes, as teorias pós-estruturalistas influenciaram definitivamente a teoria estética da recepção, na qual a biografia do autor já não importa mais, já que é apenas outro texto em que o leitor passa a ser produtor e não apenas um mero observador. A focalização não é mais no autor, mas sim no leitor.

A desconstrução ecoou de modo geral no mundo anglo-americano. A escola de Yale é até hoje referencia no assunto: Paul de Man, J.Hillis Miller, Geoffrey Hartmann e também Harold Bloom são alguns representantes. A desconstrução de Derrida inaugurou uma nova época, na qual os poetas, artistas, escritores que não pertencem ao cânone – literatura/arte negra, feminina, favelada – pode/deve participar da significação. Por isso, boa parte filosofia da Diferença de Derrida foi apropriada para os estudos culturais e pela critica feminina.

Apesar de esforços dessas teorias para a descentralização e alargamento do cânone, certificam-se mesmo nos estudos históricos, certa predominância de heróis masculinos, mulheres indefesas à espera de seus príncipes. No parágrafo final do capítulo *A secularização da memorização – Memória, fama, história* do livro, *Espaços de Recordação*, Aleida Assmann afirma que a exclusão das mulheres do texto literários trata-se de uma certa “amnésia estrutural”:

Chamou atenção o poeta Gray, nos idos do século XVIII, que a luz da

fama nunca brilha sobre os pobres e marginais: hoje chama nossa atenção o fato de que a luz da fama nunca ou quase brilha sobre as mulheres. Não importa como se chamem: Cato, Cícero e César ou Hampden, Milton e Cromwell – nos anais da história a fama nunca rima com mulher. Em todas as camadas sociais a mulher constitui o pano de fundo sobre o qual a fama masculina se ergue, luzente. Enquanto as condições para a inclusão na memória cultural forem a grandeza heróica e canonização clássica, as mulheres serão sistematicamente vítimas do esquecimento cultural: trata-se de um caso clássico de amnésia estrutural. (ASSMANN, 2011, p. 66)

Desde os anos 1970, temos avançado, porém o trabalho é árduo e temos muitas pedras pelo caminho, que precisam ser depostas.

REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Aleida. **Espaços de recordação**. Campinas: Unicamp, 2011.
- BAKTHIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Unicamp, 2004.
- DERRIDA, Jacques. *A Estrutura, o Signo e o Jogo no Discurso das Ciências Humanas*. In: **A Escrita e a Diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- DOROTHEE, Dorothee, RENNER, G Renner, STIEGLER, Bernd (Org.) **Texte zur Literaturtheorie der Gegenwart** (Textos para teoria literária contemporânea). Stuttgart: Phillipp Reclam, 2011.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**; tradução: Waltensir Dutra, 6ªed, São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. 19ª ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- MUZART, Zahidé. *Artimanhas nas entrelinhas: leitura do paratexto de escritoras do séculoXIX*. In: FUNCK, Susana Bornéo (Org.). *Trocando idéias sobre a mulher e a literatura*.
- ORLANDI, E. P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.
- PETERS, Michel. **Pós-estruturalismo e a filosofia da diferença: Uma introdução**; tradução: Thomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: 2000.
- SANTIAGO, Silviano (Org). **Glossário de Derrida**. Rio de Janeiro, F. Alves, 1976.
- SCHMIDT, Rita Terezinha. *Refutações ao feminismo: (des) compassos da cultura letrada brasileira*. **Rev. Estud. Fem.**, Dez 2006, vol.14, no.3.

Recebido em 2014-12-31
Publicado em 2015-02-22